

Discurso - Outorga do Título de Doutora Honoris Causa

Universidade Federal do Ceará, 03/07/2026

Margareth Menezes

Boa noite!

Magnífico Reitor, senhoras e senhores integrantes desta mesa, professoras, professores, autoridades, estudantes, amigos e toda a comunidade da Universidade Federal do Ceará.

Que alegria estar aqui! Começo dizendo, do fundo do meu coração, muito obrigada por esta homenagem!

Receber o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal do Ceará, a mais alta distinção concedida por esta instituição, nordestina como eu, é uma honra que me emociona profundamente.

É daqueles momentos em que a vida faz a gente parar por um instante, olhar para trás e perceber o tamanho do caminho percorrido, lembrar de onde vim, das pessoas que me trouxeram até aqui e da responsabilidade que carrego ao ser reconhecida por uma universidade pública, um dos maiores patrimônios que esse país pode ter.

Hoje eu recebo esta homenagem com muita alegria, mas também com muita humildade. Porque sei que ela não pertence apenas a mim. Ela pertence à minha família e meus amigos. Pertence aos mestres e mestras que encontrei pelo caminho. A todos com quem trabalhei, com quem aprendi, com quem dialoguei e que fizeram parte da minha formação. E pertence também a todos aqueles que acreditam que Educação e Cultura são inseparáveis.

Quando recebi o convite, a primeira imagem que me veio foi a dos meus pais.

Sim, senhores, posso dizer com verdade que

“Eu vim de lá...

Eu vim de lá pequeninha”

Cresci na Península de Itapagipe, um bairro periférico de Salvador, na Bahia. Filha de Dona Diva, costureira e doceira, e de seu Adelício, motorista. Pais de cinco irmãos - Margareth, Rita, César, Osmar e **Aline, minha irmã querida que está aqui representando a minha família, que é grande, linda e amorosa, à qual também só tenho a agradecer.**

Meu avô tinha um regional de música. *[Aqui no Ceará vocês sabem o que é um Regional?]* Meu pai carregava em si as marcas do sertão. Minha mãe fazia da música uma presença constante dentro de casa.

Ali, numa família de descendência negra e indígena, antes mesmo de compreender o significado da palavra cultura, eu já vivia a cultura.

Minha mãe e meu pai sempre acreditaram profundamente no valor do conhecimento. **Na nossa casa, aprender era uma obrigação bonita.**

Eles sabiam que talvez não pudessem deixar grandes riquezas para os filhos. Mas podiam nos ensinar que **aprender é uma forma de liberdade.** Que ter conhecimento amplia os nossos horizontes. E, junto com o amor que sempre dedicaram, esse foi um dos maiores patrimônios que recebi deles.

Estudei no Centro Integrado de Educação Luiz Tarquínio, na Boa Viagem, em Salvador, uma escola pública que marcou profundamente a minha vida.

Foi ali que muitas portas começaram a se abrir dentro de mim. Não foi apenas um lugar onde aprendi as disciplinas do currículo. Foi onde comecei a descobrir quem eu podia ser.

Foi ali que encontrei professores que entendiam que educar é também despertar vocações, enxergar potencialidades onde, muitas vezes, o próprio aluno não vê nada.

Entre eles, meus mestres, **lembro com muito carinho do diretor e professor Reinaldo Nunes**. Foi ele quem primeiro olhou para mim e percebeu algo que eu mesma ainda não conseguia nomear. Ele me abriu as portas do teatro, da interpretação, da presença em cena. Mais do que ensinar técnicas, ele me deu confiança. Ele me fez acreditar que havia em mim um talento que podia florescer.

Às vezes, basta um olhar de confiança, uma palavra de incentivo, um convite para subir ao palco, e uma vida inteira muda de direção.

Sou profundamente grata aos mestres que encontrei pelo caminho. Porque, foram eles que me ensinaram que o conhecimento também é um ato de afeto.

E talvez seja essa a maior missão de uma escola e de uma universidade: formar pessoas capazes de descobrir o melhor de si mesmas e colocá-lo a serviço do mundo.

Reitero, então, meu profundo respeito e admiração por todos vocês, professores e professoras aqui presentes, que formaram tantos outros professores e professoras nesta Universidade, e que assumiram para si a arte da educação como profissão, como caminho e muitas vezes como ferramenta de luta. Parabéns!

A minha universidade foi a arte. Foi a música, o palco. Foram as ruas de Salvador, os blocos afro. Os bares onde cantei, os trios elétricos, os estúdios, os discos, as pessoas! Seres humanos incríveis com quem compartilhei e construí conhecimento. Foram os encontros com mestres populares. Foram as viagens pelo Brasil e pelo mundo. Foi convivendo que aprendi a escutar. Foi cantando que aprendi a pesquisar.

Foi vivendo a cultura que aprendi a compreender melhor a humanidade. Foi, ainda, a imensa oportunidade que recebi das mãos de outro doutor Honoris Causa, o maior detentor de Doutorados Honoris Causa deste país, a oportunidade de me tornar Ministra de Estado da Cultura, o nosso Presidente Lula. A quem não posso deixar de pedir uma salva de palmas!

Existem conhecimentos que chegam até nós pelos livros. Mas existem conhecimentos que caminham pela voz dos que vieram primeiro, pelo toque do tambor, pelas festas populares, pelos povos originários, pelos povos terreiros, pelas comunidades tradicionais, pelas manifestações culturais que atravessaram séculos sem deixar de ensinar quem somos.

Todos eles produzem conhecimento. Todos eles educam. Todos eles ajudam a formar cidadãos. É a partir desses fenômenos, necessariamente coletivos, que são a arte, a cultura, a produção de conhecimento e o fazer político que nós nos tornamos quem somos.

A cultura nunca foi apenas entretenimento. Ela é memória. Ela é identidade. Ela é pensamento. Ela é uma forma de inteligência coletiva.

Talvez seja justamente isso que esta homenagem representa. Ela simboliza o encontro entre saberes que nunca deveriam estar separados. O saber acadêmico e o saber da experiência. A pesquisa científica e a tradição oral.

A universidade e a cultura. Uma fortalece a outra. Uma amplia a outra.

E é desse diálogo que nasce um país mais justo, mais democrático e mais consciente de si mesmo. Desse diálogo nascem aqueles que impulsionam a transformação social, que sopram o vento da mudança, da construção de um mundo melhor e que seja melhor e igualitário para todos.

Eu agradeço profundamente por ter nascido na Bahia. Naquele território onde a música faz parte da vida cotidiana. Onde a gente aprende desde cedo que cantar também é pensar. Que dançar também é afirmar uma existência. Que tocar um tambor também é contar uma história.

A musicalidade da Bahia nasce de muitos encontros. Nasce da herança africana. Nasce dos povos originários. Nasce do sertão, do mar. Ela nasce da capacidade que nosso povo sempre teve de transformar dor em criação, dificuldade em beleza - e resistência em cultura.

E eu também fui forjada por essa história!

Fui formada por essa ancestralidade. Pela presença simbólica dos Orixás, que representam liberdade, coragem, movimento, dignidade, justiça e equilíbrio. Arquétipos que nos ensinam a permanecer de pé, mesmo diante das maiores adversidades.

São conhecimentos ancestrais que continuam vivos porque foram preservados. Há saberes que sobrevivem porque alguém canta. Porque alguém dança. Porque alguém conta.

Porque alguém os vive.

E isso também é educação, é conhecimento.

E isso também merece estar dentro das universidades.

A Cultura e a Educação são, talvez, as maiores expressões da liberdade humana. As duas fortalecem a democracia, ampliam a cidadania. As duas defendem a liberdade. Ambas trabalham para formar pessoas livres para pensar, criar e para transformar a realidade.

Por isso considero tão importante que instituições como a Universidade Federal do Ceará ampliem cada vez mais esse diálogo entre ciência, arte, cultura e sociedade.

Porque uma universidade pública é, antes de tudo, um lugar onde diferentes formas de conhecimento se encontram para construir um futuro comum. É um espaço onde a ciência dialoga com a cultura, onde a tradição encontra a inovação e onde aprendemos que todo conhecimento cresce quando é compartilhado.

Por fim, **é impossível estar no Ceará sem reconhecer a grandeza desta terra.** Uma terra de coragem. De inteligência. De humor. De poesia. De criatividade. De tecnologia. Que ensinou ao Brasil que a cultura também é uma forma de resistência.

Minha ligação com este território não começou agora. Já fui agraciada com a Medalha Lauro Maia, maior condecoração concedida pela Câmara Municipal de Fortaleza, além de ter recebido o título de Cidadã Fortalezense.

Esta Concha Acústica que nos recebe nesta noite, vejo também como um palco histórico, símbolo da resistência e efervescência do Ceará, idealizado pelo reitor Antônio Martins Filho para ser o coração cultural da universidade.

É neste lugar sagrado que a UFC me dá a oportunidade de me juntar a um seleto grupo de personalidades que receberam esta mesma honraria, como nossos grandes Paulo Freire, Florestan Fernandes, Ariano Suassuna, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Chico Buarque, Maria Bethânia - meus colegas ministros Marina Silva e o queridíssimo Camilo Santana - além deles, mais uma vez, o maior presidente que o Brasil já teve, que investiu mais em cultura nesta gestão que qualquer outro presidente e que é, sem a menor sobra de dúvida, o maior impulsionador da Educação Brasileira.

Responsável pela maior expansão do ensino superior que já tivemos: o presidente Luíz Inácio Lula da Silva, um sertanejo, que passou fome, que fez greve, que persistiu, que luta a cada dia, e hoje acumula mais de 40 doutorados honoris causa concedidos por universidades do mundo inteiro, em reconhecimento a um trabalho em prol da humanidade que realmente faz brilhar os nossos olhos e alimenta as nossas almas.

Então hoje celebro, com certeza, uma conquista pessoal, mas especialmente uma vitória coletiva em defesa da cultura.

Vitória dos Gestores, parlamentares, lutadores e dos fazedores de cultura.

Como mulher negra, hoje artista com projeção nacional e internacional, gestora cultural e Ministra da Cultura, sinto profundo orgulho e emoção ao ser agraciada com este título, que se dedica não apenas à minha trajetória, mas também à luta e à resiliência de tantas outras vozes que anseiam por reconhecimento e visibilidade.

A cultura tem o poder de transformar vidas. Ela mudou a minha, e é por isso que me dedico a garantir que essa mesma transformação alcance outras pessoas.

Como Ministra da Cultura, meu propósito tem sido claro: criar oportunidades para que a arte e a cultura sejam instrumentos de emancipação e inclusão social, que gerem trabalho, renda e realizem sonhos. Acredito firmemente que a cultura e a educação são um motor de transformação social, capaz de iluminar caminhos que antes pareciam impossíveis.

Na pessoa do Secretário Fabiano Piúba, aqui presentes, quero agradecer imensamente a toda equipe do Ministério da Cultura, hoje espalhada pelo país inteiro, que entrou nesse barco comigo e está na construção desta parte tão importante da minha história.

Na minha história pessoal, 20 anos atrás, tive a honra de implementar o projeto social Fábrica Cultural, e vi o efeito transformador da arte e da cultura na prática, transformando vidas e abrindo caminhos para mais gente, especialmente para os jovens, mulheres e crianças da minha comunidade, do lugar onde eu nasci.

Quero agradecer também a toda a equipe da Fábrica e a cada um que passou por lá, especialmente na pessoa da minha amiga e produtora Jaqueline Azevedo, que hoje coordena esse trabalho do qual estou afastada, assim como as queridas Bia e Cris, também aqui presentes.

Por isso que, em toda essa trajetória, eu “ piso, sim, devagarinho”, mas não me contento com pouco, nem deixo ninguém dizer o meu lugar. Assim como estou aqui devido àquelas que vieram antes de mim, quero poder andar abrindo espaço!

É nossa responsabilidade garantir que a educação e a cultura não sejam privilégio de poucos, mas acessíveis a todos os brasileiros e brasileiras. Que a cultura seja a oportunidade de formação de seres humanos capazes de viver em paz e não guerra, com dignidade, respeito, alegria e valorização da diversidade.

Ser a primeira mulher negra a ocupar o cargo de Ministra da Cultura carrega um simbolismo profundo. Cada passo dado neste espaço decisório é uma celebração da diversidade e da representatividade.

Sabemos que a cultura afro-brasileira, a rica e vibrante herança do povo negro, é reconhecida como parte fundamental da identidade nacional. Estamos juntos, avançando para que esse reconhecimento faça parte do cotidiano brasileiro.

É uma felicidade estar hoje aqui com outras mulheres negras que estão também ocupando seus espaços, compartilhando seu brilho e nos levando adiante.

É uma grande honra viver este momento com vocês, cercada pela riqueza da cultura que tanto amamos e valorizamos.

E agradeço mais uma vez ao presidente Lula, por ser esse homem tão especial, dedicado ao seu povo, um exemplo de fidelidade e amor pelo ser humano e pelo povo brasileiro, que me trouxe até aqui. Um mestre que nos inspira a multiplicar, a compartilhar o que temos de melhor, a “amar e mudar as coisas”.

Que possamos continuar a trilhar esse caminho juntos, moldando um Brasil que honra suas raízes e celebra sua diversidade. Manifesto meu compromisso em contribuir para que a arte e a cultura sejam cada vez mais inclusivas e transformadoras. Que a arte, a cultura e a educação sejam sempre alicerces de nossa identidade, iluminando o futuro que todos nós merecemos. Que eu faça juz a este título sempre!

Obrigada à Universidade Federal do Ceará na pessoa do reitor Custódio Almeida por esta honraria

Obrigada ao povo cearense pelo carinho que sempre dedicou à minha caminhada.

Saio daqui levando este título no coração, mas, sobretudo, levando renovada a certeza de que um país que investe em Educação e Cultura escolhe, todos os dias, acreditar no seu próprio futuro.

Axé!

Muito obrigada!